

A CORAGEM DE RECOMEÇAR HISTÓRIAS DE MUDANÇA



Organização:

**medicusmundi**



Financiamento:

 Agència Catalana
de Cooperació
al Desenvolupament

 **Generalitat
de Catalunya**



A CORAGEM DE RECOMEÇAR HISTÓRIAS DE MUDANÇA

A história evidencia a coragem, a resistência e a esperança vividas por mulheres sobreviventes da Violência Baseada no Gênero (VBG), acompanhando as trajetórias de três mulheres que transformam dor, abandono e violência em força, autonomia e novos projetos de vida, e reforça a importância da solidariedade entre mulheres, mostrando que a mudança não acontece apenas por meio de instituições formais, mas também através de gestos simples — uma conversa, um conselho, um apoio no momento certo.





“Entre chorar ou sorrir, cair ou andar, acreditar ou lamentar-me, eu escolhi que a minha vida teria um caminho, um horizonte de esperança.”





Chamo-me Érica Valério. Moro no bairro de Luís Cabral. Tenho 21 anos. Eu sou uma activista social. Trabalho no empoderamento das raparigas vivendo com HIV e na sensibilização para as emponderar



“ Eu aprendo muito quando saio à rua para vender o meu produto. Aprendo a lidar com diferentes tipos de pessoas, a ser paciente com a vida porque nem sempre as coisas saem do jeito como nós queremos.

Nestas voltas todas que eu dou, o sentido mais importante da minha vida não está em mim. Está longe, mas ao mesmo tempo tão perto. Sinto o seu cheiro todos os dias quando acordo.



A minha filha é a minha luz. Ela é o meu mundo. É o meu ar, é o meu lar. Se hoje estou aqui, é por ela. E por ela eu continuo firme com os pés no chão.

Só foi quando a minha filha nasceu que as minhas dores saíram e eu assim pude olhar para ela e ter a certeza de que viver é um milagre.



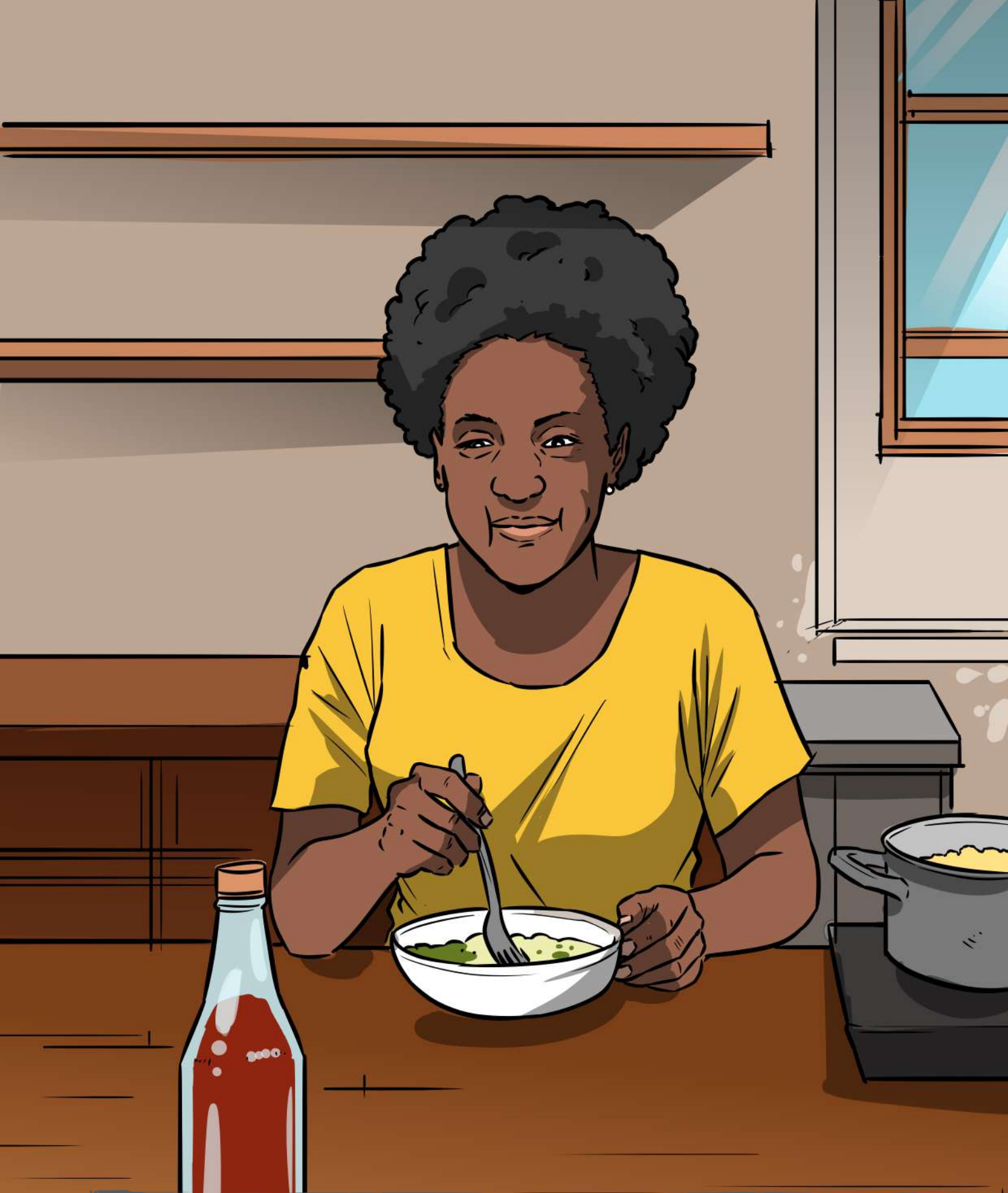


Quando eu tinha 15 anos fui violada
por cinco homens na rua. .

Eu gostaria de um dia conseguir um bom emprego, poder voltar à escola para finalizar os meus estudos e ter a oportunidade de dar muita alegria para a minha filha. Sonho em poder estar sempre ao lado dela e poder proporcionar coisas boas para ela, não deixar que nada lhe falte.







” Mudança. Essa palavra pode parecer pequena para muitas mulheres, mas para mim carrega muitos significados. Hoje eu digo que a minha vida mudou e por isso tenho a minha casinha, como o que eu quero, e não tenho medo de sonhar. ”

An illustration of a woman with short, dark, curly hair, wearing a yellow t-shirt, sitting at a wooden table. She is holding a fork and eating from a white bowl. To her left is a glass bottle of red liquid. To her right is a pot on a stove. A speech bubble is positioned to her right, containing text.

Chamo-me Faúsia Moisés Bila.
Tenho 30 anos de idade.
Vivo no bairro George Dimitrov.
Trabalho como secretária do lar.

Nós, mulheres, temos de mudar o nosso comportamento para com as outras mulheres. Temos de saber olhar para a dor das outras mulheres e dizer: 'É a minha dor.'



“Uma mulher tem que saber ajudar uma outra mulher, tem que dar sempre a mão para uma outra mulher. Precisamos dessa mudança em nós.”





Eu trabalho como secretária nesta casa, mas o meu sonho é o de ajudar mais mulheres sendo uma profissional da saúde. Eu quero um dia me formar e trabalhar na saúde do meu país.



Durante anos eu tive um casamento no qual o meu marido me violentava fisicamente e psicologicamente.



Um dia eu ajudei uma mulher num chapa. Ela sofria violência. Estava muito triste. Então ela decidiu se abrir comigo. Conversei com ela. Dei-lhe um conselho. Eu disse-lhe que podia recorrer a polícia, mas ela recusou-se. A violência pode matar-nos psicologicamente.

“ Uma mulher tem que ajudar uma outra mulher
a crescer, a lutar pela sua dignidade. ”



“ É este o mundo que queremos para todas nós, mulheres. Um
mundo de mudanças. Um mundo de histórias positivas. ”





“Muitas pessoas dizem que a minha história é uma história positiva. Bem, se ter saúde e ter filhos crescidos que me deram netos é ter uma história positiva, então eu acredito no que as pessoas dizem. ”



“Um dia eu ajudei a minha vizinha. Posso dizer que foi Deus que me mandou para eu poder a ajudar porque ela mal conversava comigo. Eu só lhe perguntei o que estava a acontecer e por que ela se isolava. Então ela acabou se abrindo comigo, mas não foi fácil. Ela interagiu comigo e assim acabou me contando a sua história, de que estava a passar por uma violência em casa. E eu dei-lhe os seguintes conselhos: não digo que tens de sair do teu lar, mas tens de colocar-te na tua posição e sair dessa violência porque viver numa casa com violência não traz a felicidade, não traz nenhuma alegria.

“ Graças a Deus, não nos falta pão aqui em casa e os nossos dias são de alegria com o pouco que temos ”



“ As minhas mãos cheias de força ajudaram-me a conseguir, pouco a pouco, desenvolver este meu negócio. ”



Sou Marta Alberto Machaieie.
Tenho 57 anos.
Vivo no bairro George Dimitrov.
Tenho três filhos e oito netos.

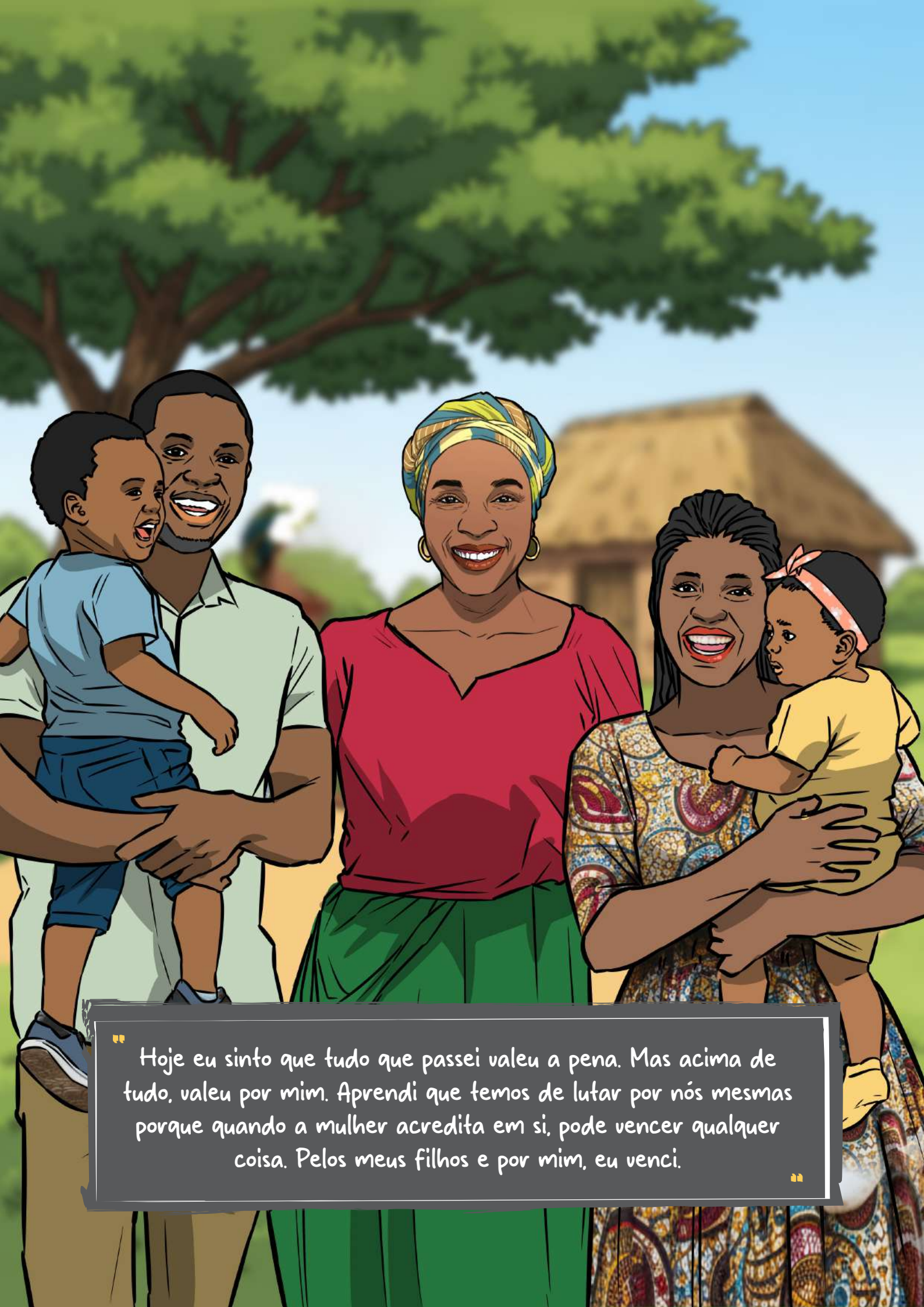
"Comecei o meu negócio quando o meu marido me abandonou enquanto os meus filhos ainda eram pequenos. O meu mais novo só tinha três meses."



"Eu vendia tomate, cebola, óleo, sal, caldo. Eu vendia com o meu bebé ainda a mamar no meu peito."

“Era com a minha banquinha de tomate que eu conseguia dar de comer aos meus filhos, que eu conseguia comprar cadernos para eles irem à escola.”





“Hoje eu sinto que tudo que passei valeu a pena. Mas acima de tudo, valeu por mim. Aprendi que temos de lutar por nós mesmas porque quando a mulher acredita em si, pode vencer qualquer coisa. Pelos meus filhos e por mim, eu venci.”

FIM

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Agência Catalã de Cooperação para o Desenvolvimento (ACCD), no âmbito do projecto "Consolidando rotas de saída para a Violência Baseada no Género em Maputo (Moçambique)". O conteúdo da mesma é da responsabilidade exclusiva das suas entidades organizadoras, medicusmundi e Associação Hixikanwe, e não reflecte necessariamente a opinião da ACCD nestas matérias.

Organização:



Financiamento:



**Generalitat
de Catalunya**